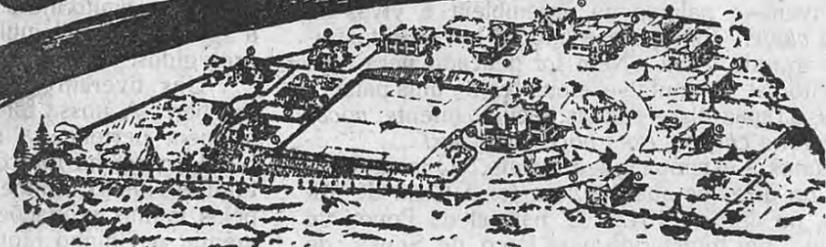




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato de Paço de Sousa — Povo de Sousa
Vales do Correi para Ceta—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 828—Porto
Visado pela Comissão de Censura

UM DONATIVO



FERNANDO MARTINS
(O Poeta)
É camponês. Teve 33 votos

Foi de cinquenta contos do Banco de Portugal. É o terceiro que vem por este tempo e igual processo: depósito de um anónimo no Banco Espírito Santo. Está ali nos livros a Casa do Gaiato. O primeiro ano li 50\$00 no talão e só mais tarde é que dei fé do engano. Feliz engano. No segundo ano, prevenido como estava, atinei logo à primeira—50 mil escudos. Este que é o terceiro, já esperava. O talão tem a data de 21 de Dezembro. É um anónimo a falar. No Banco, há curiosidade. Já lhe quizeram passar uma rasteira, mas ele segurou-se. Eu sou mandado, disse. E disse muito bem. É verdadeiramente mandado. Mandado pelo nosso Deus Invisível.

Há tres anos que cumpre. Conhece, sente, ama. Nem os criticos, nem o tempo, nada o demove. Dá, esconde a mão e acabou. Quem quer que seja, este senhor não dá sómente para a Casa do Gaiato. Dá muito a muitos na roda do ano. Por isso



MANUEL DURÃES
(O Rio Tinto)
É camponês e padeiro. Teve 7 votos

Damos hoje noticia de como correram as eleições na aldeia. Em o numero seguinte, contar-se-á como foi o acto eleitoral no Lar do Ex Pupilo dos Reformatórios, Coimbra. Aqui foi assim: Apresentaram-se tres candidatos para levar a cruz. Gosto muito desta palavra, com o significado e sabôr cristãos, aplicada e compreendido em actos desta natureza.

Como não seriamos nós todos bem governados, se quem governa assim compreendesse!

Pois bem. Apresentaram-se tres. A assembleia era composta por 42. Foi à noite, depois da ceia. A tropa que não tinha voto, foi mandada retirar. Alguns refilaram e ateimavam em ficar à porta do refeitório, mas o António sacudiu-os a todos: Fóra! Distribuiu-se a cada um seu papelinho branco. Explicou-se



ANTÓNIO FERNANDES
(O S. Paulo)
É carpinteiro. Teve dois votos

tim tim por tintim. Colocou-se sobre a mesa um cestinho de vime. Tudo aqui. E os rapazes assim fizeram. Chamou-se o Pirulas. O Pirulas veio, começa a desdobrar e a berrar

ELEIÇÕES

os nomes. Rio Tinto, sete votos. Poeta, trinta e tres votos. António, dois votos.

Vinha agora muito a propósito dar a biografia de cada um dos propostos e do eleito em particular. Vinha sim senhor. Mas elas seriam para nossa confusão e vergonha. É melhor calar. Direi apenas que o Maioral escolhido pelos rapazes, saiu um

mesmo que dá, recebe na mesma medida. Tem necessariamente de receber, para assim fazer circular. É feliz.

A verdade vai-se buscar à gêma das coisas. É vêr como no seio da natureza tudo circula e tudo se transforma a bem de todos. Nada se perde. O que estagna, gera a morte. O nosso Anónimo vai beber à fonte. A fonte da verdade. Recebe. Faz circular a bem de todos. Não quer ser mar morto. É feliz. Feliz segundo o Evangelho. Goza o prazer inenarravel que experimentam neste mundo os dispenheiros dos seus bens.

Esta mesma doutrina prégou-a há dias um senhor na Assembleia Nacional, por outras palavras. Foi no Comercio que eu li. Li e pasmei. O orador criticava severamente as acções dos ricos (lá vinha assim). Mas então ele já se préga assim na Suprema Assembleia! É os ricos que dizem? Vamos que lá esteja algum!

Ele há por aí tantos!

dia da sua terra em busca de trabalho e de pão. Tinha 14 anos quando nos encontramos no Porto.

Hoje tem 16. Foi em Dezembro. Eu pedia o natal nos postos emissores. Ele ouviu,

rapazes. Leve-me! Prendeu-se nas minhas palavras e eu nas dele. Pedia eu esmolas no Porto, naquele dia, e encontrei uma fortuna! Trinta e tres dos nossos, da nossa aldeia, disseram quanto ele vale. Oh riquezas perdidas! Feliz o povo que sabe apreciar estes tesouros!

As eleições na Casa de Miranda, foram no dia primeiro de Janeiro, depois da ceia. Foi assim: Partiu-se um bôlo que nos tinham enviado de Manteigas, especialidade daquela região. Enquanto mastigava cada um a sua parte, andava a picheira em roda. Vinha da nossa pequenina quinta. Bebe-se pouco e poucas vezes, para dar até ao fim do ano.

Os eleitores habilitados eram 22. Distribuiu-se papel em branco e disse-se-lhes de como eles haviam de escrever o nome



CAMILO G. FERREIRA
É camponês. Teve 17 votos

O Natal na Casa de Paço de Sousa

Cada qual que fale da sua. A de Miranda e a do Porto, lá tem os seus cronistas. Eu digo do que conheço. Foi assim. Ora escutem: na véspera do dia da consuada, foram uma data dos mais pequenitos em busca de musgo enquanto os carpinteiros armavam o presépio na capela, ao lado do Evangelho. Ao mesmo tempo, na cozinha do forno, Zé Sá e outros mais, partiam e descascavam grandes fatias de abóbora-mel, com os bolinhos do natal. Ali perto estava um grandtacho de alumínio sobre um trempe aonde os rapazes lançavam a abóbora estonada. Farinha, açúcar, ovos, mel, a grande curiosidade da malta: quantos toca a cada um? Isto era na cozinha do forno.

Na despensa, à mesma hora, um dos cozinheiros fazia postas de bacalhau, muita postas de bacalhau; as quais estavam em grandes recipientes e assim ficaram debaixo de torneiras de água, a perder o sal.

Amanhece o dia 24, o próprio da consuada. Veeceitas de couve branca amaciadas da neve. As batatas lavadas em duas águas estão. Cada uma foi gepada, para se tomar do sal. Os bolinhos do natal, feitos ontem, são muitos e resce-

Continua na segunda página

Continua na terceira página

ELEIÇÕES

Continuação da primeira página

do chefe, cada um segundo a sua vontade. O resultado não se fez esperar. Foi eleito o Camilo por maioria: Dezassete votos.

Ouvem-se palmas na assembleia e vivas ao nosso chefe. Este parece não se haver entusiasmado grande coisa. Nem foi delicado para com os eleitores! Levanta-se, e em vez de uma palavra amiga, o rapaz disse apenas, sacudidamente: *vocês querem-me chefe? Pois vocês vão vêr!*

Damos à estampa o seu retrato. Quanto à sua carreira, dizemos que êle veio ter à Casa de Miranda, no ano de 1942. E' natural da Povoia de Varzim. Foi transferido para Paço de Sousa, de onde fugiu e de novo regressou e de novo tornou a fugir e andou por lá o tempo que muito bem quiz, até que deu fundo na Casa de Miranda, declarando na presença de todos, que nunca mais tornaria a fugir. Não era bem êste que eu desejava fosse o eleito. Mas é quem os rapazes escolheram. Eles sabem. Eles conhecem melhor do que nós. Andam mais perto uns dos outros. A eleição consiste justamente em escolher cada um, livremente, a pessoa que deseja. Por isso mesmo é o Camilo o Chefe. A menos que a ameaça do *vocês vão vêr*, venha a ser tirania, o Camilo foi eleito e é o Chefe da Casa de Miranda. Viva o Camilo da Povoia!

No Lar do Gaiato, também o chefe foi de livre escolha. Eram três os candidatos. Julio Mendes, de Elvas. António Prata, da Covilhã e Manuel Pinto, de Penafiel. A biografia deles, está feita por natureza. Sabendo-se que são rapazes da *Obra da Rua*, sabe-se que eram da rua, e está tudo dito.

Foi no fim da ceia, como nas mais casas. Os eleitores eram dezanove. O Julio foi escolhido por dezasseis votos. O Manuel Pinto teve dois votos. O António Prata teve um. Viva o Julio!

UM ASSALTO

Chegou o correio. Entre as cartas, vinha aviso de uma encomenda postal. Mandou-se por ela. Era de Lisboa, com todo o geito de ser roupa. Mandou-se chamar a costureira. *Tiroliro, vai dizer à costureira que venha cá acima com a tesoura.* Ai vem ela. Gosto muito de assistir à abertura dos pacotes. São documentos de zelo ou de desmazêlo. Ali se nota quem dá ou quem alija. Felizmente, é muito raro haver quem não saiba dar. *Quem dá, sabe dar.* Ora muito bem. A costureira abre. Não era roupa. Eram bolas. Bolas de tenis. Duzias delas! Fechei logo a porta do meu escritório. Guardei o pacote e mandei tudo embora. Duzias de bolas numa casa destas! Eram horas de jantar. Tomei 18, que tantos são os da meza dos mais pequeninos, e dirigi-me ao refeitório, muito contente, no intuito de colocar uma ao pé de cada prato. Mas, estavam já à mesa, a comer o caldo, o grupo dos do campo, que iam nessa tarde ao mato, por isso mesmo, mais cedo foram servidos. Mal viram as bolas, atiram-se a mim. O primeiro, foi o chefe eleito. O Maioral da aldeia!! A seguir, os dois cozinheiros. Os cozinheiros!! Fiquei sem bolas. *Os pequenos não sabem jogar. Eles não precisam. Eles perdem-nas mas é. Fiquei sem nada!*

Passou palavra num relampago. Nunca se viu hora de jantar tão clamorosa! *Uma prós refeiteiros. Uma prós roupeiros. Uma prós pedreiros.* Cada grupo vinha pedir uma para o grupo. Outros, vinham no singular: o *Sapo*, o *Russo*, o *Pinelas*, o *Botão*, o *Xanxaxé*, o *Periquito*.—*Uma bola!*

E se tudo ficasse arrumado com a distribuição, não seria coisa de maior. O mal todo está nas queixas futuras que temos de suportar: *olhe aquêta que me roubou a bola.* E as coisas que eles partem, ao atirar da bola!

Mas os males, como os bens, podem-se reparar, e eu assim fiz. Como no dia seguinte tinha destinado ir à Casa de Miranda, fui e levei comigo bolas. Os sarilhos não hão-de ser todos para aqui. O Padre Adriano também ha-de ter alguma coisinha que fazer! A encomenda veio de Lisboa. Foi uma senhora que mandou. Se ela fosse do Porto, teríamos agora a juntar à *senhora* disto e daquilo, mais uma pitoresca designação: *a senhora das bolas!*

Os Gaiatos de Paço de Sousa e de Miranda, teriam o prazer de prestar a maior apoteose à *senhora das bolas*, se Ela um dia viesse às nossas casas. Os do Porto também, mas a eles não posso dar bolas. Oh desordem! Basta o que lá vai sem bola.

MIRANTE DE COIMBRA

Hoje posso subir (e é tão raro) de cara levantada a este «Mirante». E' que não venho pedir. Por agora limito-me a felicitar os nossos amigos e a agradecer-lhes o muito que fizeram pelos nossos protegidos.

Uns tiveram a alegria de dar, outros a de receber. A nossa foi a de distribuir, e Deus sabe a quem pertence a melhor parte nesta alegria.

Deparei há pouco um quadro bem triste num tugúrio muito conhecido. A pobre mãe, sêca pelas muitas provações, não tinha com que amamentar o filhinho raquitico que embalava ao colo. Acabara-se também o leite condensado na lata. Mostrou-me desolada «veja padre, pedira 26 escudos por cada quilo. A criança chorou toda a noite com fome e tive de estar ao lume toda a noite para não regelar». A alegria dela quando pôde ir por nova lata!

Infelizes os que nunca experimentaram a alegria de fazer bem! O Evangelho vai mais além. Chama-lhes loucos. *Os anjos virão esta noite pela tua alma. Estulto, para quem é tudo o que amealhaste?*

Muitas migalhas pequenas e grandes aqui vieram ter, e lá se foi tudo para outras mãos em migalhas mais pequeninas abençoadas e multiplicadas, como no deserto, pelas mãos do Criador.

Pagámos dívida, melhorámos as consoadas dos pequenitos de Miranda e dos rapazes do Lar, repartimos por muitos pobres e não esquecemos os pobres Lázaros de doenças incuráveis. Estava quase resolvido a interromper esta longa tradição, mas arrependi-me a tempo. Era já noite quando entrei no Hospital a visitar um dos nossos rapazes.

—Então Alves, teve um Natal alegre?

—E' V. a primeira pessoa que me visita...

Infeliz de quem é pobre—acrescentou logo outro doente vizinho—quase todos tem visitas nestes dias e só nós não temos ninguém... somos de longe e mal temos para comer... Doe-me aquela queixa sentida e sai dali para telefonar para Miranda a apressar o recado que lá tinha deixado.

—As broitas do Natal?

—Estive hoje com o Sérgio—explicou a governante—todo o dia a amassar e a cozer. Fizemos 500.

—E que tal saíram?

—Mimosinhas! Garanto-lhe que foram feitas com muito esmero e amor.

Amor sim: era o que eu queria. Para irmãos doentes, irmãos nossos e irmãos em Cristo... não valiam nada se não fossem amassadas com amor. Fez-se a distribuição com a surpresa e alegria dos pobres doentinhos. Muitos já nos punham vestidos e calçados no céu, mas o péso da terra e a nossa cruz continuavam a gritar-nos bem alto que continuamos ainda gemendo e chorando neste vale de lágrimas por mal dos nossos pecados.

Mas vamos lá às migalhas.

—De Coimbra, um cumprimento dum voto, 20\$; da Capital, uma peça de flanela que por ser a primeira, e como a candeia que vai à frente, aqueceu duas vezes. Um saco de castanhas dum ex-gaiato que recorda com saudades os antigos companheiros; 20\$ e revistas de Coimbra, para os Lázaros; 50\$ na rua, de um estudante, pelo belo exame feito; 20\$ de Lisboa para os pobres da Conferência e seis camisolas de lá para os mais pequeninos duma Senhora Sofia; um fato completo doutra Sofia e uns metros de flanela ainda doutra Sofia; 50\$ de Coimbra; revistas para os gaiatos e uma prenda «com um beijo para o mais pequenino» que agora é o Mário; 300\$ do Brasil para Tuberculosos; 100\$ na Gráfica, «por uma graça recebida pelo irmãozinho». 750\$ no mesmo antigo depósito provenientes da América do Norte; uma duzia de canequinhas no mesmo depósito; 70\$ da Vacuum, 1.077\$ no Banco, do Grémio de Retalhistas e 1.000\$ da União de Grémios; 300\$ do Grémio dos Industriais de Arroz.

Um saco de milho deixado à porta, por mão anónima, o que nos faz recordar um tabefe que o cozinheiro apanhou por afirmar que havia azeite num pote lavado na vespera. Mas o *Leiria* tinha razão. Quem o lá pôs é que se não sabe. Dos industriais e comerciantes de Coimbra 500\$, 500\$, 500\$, 100\$, 100\$, 50\$. De Coimbra dois livros para a biblioteca dos Rapazes e mais outros dois do Porto, de alguém de *Nampula*, 100\$, de Coimbra, com muitos bolos para a consoada e figos e brinquedos, da mesma cidade. 50\$ de S. João da Madeira com cumprimentos dirigidos a este pobre padre «do Mirante de Coimbra» que aqui retribuo. 40\$ de Tortuzendo, 100\$ da Beira, 50\$ dum sacerdote—tudo gente amiga. 100\$ de amá-

OUTRA VEZ LISBOA

Os senhores que mandam, instalam-se todos em Lisboa, e tem a gente de andar por lá atrás deles, se quer governar vida. Fui por aí abaixo, no rápido. Ainda não era meia noite, e já êle, o rápido, tinha metido o nariz no tunel. Tabela. Comi na 2.ª série. Há um senhor do Porto que me dá sempre a senha e eu como. Antes de topar êste senhor, fazia a festa com duas bananas. No dia seguinte puxo do canhão, a vêr por onde havia de começar. Tanta coisa apontada e eu mortinho por me vir embora! O meu tesoiro não está ali! O Nuno de Riachos escrevera-me que fosse eu depressa às broinhas *enquanto Lisboa está quentinha da passagem da Senhora*, como vinha a dizer. O Nuno é amigo. O Nuno é muito bom rapaz e cuida que todos se aquecem à fogueira aonde êle arde! Não trouxe brôas!

A's horas do estilo, comecei os passos da via sacra. O frio, naquele dia, era de rachar. O inverno. Começam as estações a entrar na linha. Assim fizessem os homens!

—Entre prá li um bocadinho, que o senhor já vem.

São os continuos a engavetar a gente. Espere-se, e como a seguir vem um nadinha de desespero, arriscam-se uns passos nos corredores, a disfarçar. Mas logo vem o empregado: *Não pode ser. Tenha a bondade de esperar ali.* Compreende-se. Se assim não fosse, os corredores seriam ruas.

Ouvi ali dizer a um Senhor que êste jornal é o mais bem feito do país! Ora eu já tinha ouvido o Elvas a dizer, ó Ministro das Obras Publicas, que *O Gaiato* é o melhor jornal do mundo. Mas o Elvas é o Elvas. O mundo dele é a nossa obra. E' nela que pousa o céu. Porém, a afirmação daquele senhor, é coisa muito mais séria. Tanto que eu não a faço minha, com medo dos outros jornais.

Chegou a hora do regresso. Do feliz regresso. Sentei-me no vagon-restaurante a tomar café e a escrever o jornal, que por ser feito aonde e como calha, é o mais bem feito do país!

Nas alturas do Entroncamento, ainda estava no mesmo sitio, por amor da cadeira. Não tinha lugar marcado.

O Chefe, pergunta se eu quero almoçar. Que não.

—Ande, almoce.

Ainda há berr pouco tempo não era assim. Andava a gente atrás do chefe, por um almocinho. Agora, anda êle atrás de nós: *almoce.* A minha indecisão continuava. Tinha, até, comprado 3 bananas para almoçar no caminho. Era dia de abstinencia. Isto mesmo disse eu ó chefe.

—Temos peixe.. Bom peixe. Repete o peixe.

Tomei a senha das mãos dêle e, a horas, estava sentado ao pé dos mais.

Entra um senhor: *Sente-se aqui.* Mandou vir vinho e coisas. Era do Porto, mas não quiz contos do Porto; pagou tudo.

Um senhor perguntou se eu é que era o tal. Ao ouvir dizer que sim, pega-me na mão:

—Deixe-me beijar.

—Não, que estão sujas.

Esta palavra, anda sempre junta à minha recusa; *estão sujas.* Mas tem graça que às vezes, tratando-se de Senhoras, é equívoca. Equívoca, porque assim a fazem. Tomam para si aquilo que eu ponho nas minhas mãos! Já assim tem acontecido.



veis visitantes; 100\$ no Lar em carta anónima como tantas as que aqui vêm ter com palavras de incitamento. 750\$ de Lisboa «promessa duma das minhas filhas.» Da Covilhã uma soberba peça de lã e metade doutra. Benditas mãos que todos os anos nos tem ajudado a vestir tantos pequenitos.

Mais 500\$ do Porto, para fechar com chave de ouro. Que admirável preparação do dogma da comunicação dos Santos! e tinha esta quantia reservada para mandar celebrar Missas por alma da minha mãe, mas depois de ler o ultimo jornal mudei de opinião. E' para as necessidades que entender e creio que a minha mãe nada perderá. Não perde, não senhor: é da Escritura: «lança a tua esmola no seio do pobre e ela mesma orará por ti». No altar, também me não esquecerei de sua mãe, minha senhora.

DOCTRINA UMA CARTA

Nota da Quinzena

O nosso Gari foi um dos heróis da derradeira venda no Porto. Ele é do Porto. Era das ruas. Conhece os aljubes por dentro. Tem um nome tão lindo: Alfredo Rosa! Quando chegou à nossa "aldeia", andávamos ocupados a colher cestos de milho. Enamorou-se das espigas. Prendeu-se à terra. Foi chefe dos da erva e nessa obrigação fez a 4.ª classe. Hoje é chefe dos refeiteiros, e que chefe!

Pois o Gari foi vender, e fez uma descoberta: De que se havia de lembrar? Aonde é que Gari vendeu? Nos engraxadores e nas barbearias. Dêmos-lhe a palavra: "Eu metia-me nos engraxas e nos barbeiros e aquilo é que era. Os senhores mandavam-me embora, mas eu chateava até eles ficarem bravos e no fim compravam!"

Ora eu, se lá estivesse, não deixava. Não aprovo. A' força, não vale. Mas eles levam carta branca e riscam. As iniciativas nascem. Dêem-se azas a estes rapazes e deixem-nos voar. Azas de pomba, já se vê. Outras que sejam, não elevam.

O Gari, conta-me um episódio. Foi o caso que um senhor lhe dissera assim:

- Não compro o jornal.
- Compre que é para ajudar o P.º Américo.
- O P.º Américo não precisa.
- Olhe que sim.
- Não precisa. Se precisasse, tinha ido a Vila do Conde a uma festa que ali se deu para a Casa do Gaiato, e ele não foi nem aceitou o dinheiro da festa. Não dou nada. Ele não precisa.

Ora vamos fazer aqui um bocadinho de doutrina. Não sabia que era mestre. Nunca dei fé de tal. Foi há dias que eu tive conhecimento. Estava em um dos ministérios, quando ouvi ali dizer que em tal cidade, numa Assembleia de circunstância, o orador da noite dividiu a Assistência em duas épocas: modo de fazer assistência antes do P.º Américo e modo de fazer assistência depois do dito. Eu escutei e disse que há mais maris na terra, mas não. Trata-se da minha pessoa! Estas e outras semelhantes, são tremendas cascas de laranja. Não que mas atirem para eu cair; eu é que posso escorregar. Outros mais espertos teem-no feito. E não se magoam, que isso é justamente o mal. Senhor; que eu veja sempre as pessoas e as coisas na Vossa luz!

Vamos, pois, à lição. Claro que os mestres não.

Esses não veem. Esses nunca escutam.

Os nossos rapazes, estão escrevendo uma das mais importantes páginas da história da assistência em Portugal. Eles são a anêia viva, o escandalo do dia, o remexer dos corações. O que eles dizem e o que deles dizem, é isto mesmo. Saldos da montureira, ignorados de todos, crápula, estes indesejáveis de ontem, são hoje menina dos olhos, diante de quem se chora. Dão recados. Ouvem recados: não dou nada a P.º Américo. Fazem história.

Como na ocasião se disse aqui, efectivamente eu recusei o produto de um chamado arraial minhoto, que vinha anunciado nos jornais do dia, a favor da Casa do Gaiato. Recusei e disse porquê sabendo, antecipadamente, que por isso viria a ser mal sinado. Não dou nada. E' natural. E' humano. Compreende-se.

A boa semente é para os terrenos preparados, e os nossos cristãos, não estão preparados para a doutrina do amor do próximo. E' preciso reflexão. As almas afeitas a reflectir, quando se trata de dar aos pobres, perguntam-se imediatamente: quem sou eu e quem é o Pobre? Ele é muito mais fácil comer e bailar a favor dos pobres, do que medir cada um a sua verdadeira posição perante o Pobre. O respeito e o amor que se lhe deve, nascem justamente deste exame de consciencia. Qual a vantagem de um sobre o outro? Aonde a qualidade? Que é do merito? E's rico? Podes não prestar!

Toda a festa mundana que se faça em favor dos pobres, marca decadencia de vida cristã. Qualquer que seja o rótulo, o pretexto, a côr, é sempre droga. Se são promovidas e realizadas pelo que há de melhor na nossa sociedade, oh droga!

Quem ama, não faz assim. Quem ama, chora. Envergonha-se de ser rico. Ajoelha-se no chão, pergunta a Deus porquê e vai sósinho ou manda outros em seu nome repartir, já que ele o não pode fazer pelas suas obrigações.

Ora aqui está. Este é o fundamento. Quem construir sobre esta rocha, não tenha medo dos ventos.

O' doce engano, brincar e saltar por amor dos irmãos que sofrem! Vamos que empobrecesse um nosso amigo; ele é tão facil empobrecer! Doenças, reveses, sorte! Chora-se ou folga-se por seu amor? Queremos que chorem ou que folguem por nosso amor se empobrecermos?!

Mais do que sociedade de amigos, o cristianismo é uma família com um Pai comum: Pai Nosso! Somos todos irmãos.

Esta é a doutrina mansa e poderosa, que derrubou o maior império do mundo. Olha como eles se

E' de Lisboa. Assina *Uma amiga da Casa do Gaiato*. Traz um P. S. a dizer: «peço autorise que a carta junta seja entregue ao pequenino Waldemar». Foi entregue. Ei-la:

Quando da minha visita à vossa casa, em Setembro passado, tive ocasião de te conhecer e saber que desejas ser general. Acho a tua aspiração linda e Deus há-de permitir que a vejas realizada, para isso, precisas ser muito estudioso, sempre obediente aos teus superiores, e uma vontade persistente, não desanimar e nunca perder a fé em Deus.

Com as roupinhas que te mando, vai um casaquinho e um bivaque, cujas estrelas e botões estiveram já no peito de um dos mais valorosos Generais do nosso Exército. Este heróico soldado de que te falo e tu já conheste at, também dizia quando era pequenito, que queria ser General, e foi: hoje tem a mais linda folha de serviços prestados à Pátria, conta três campanhas e as mais honrosas condecorações. Depois da fotografia que ele at te mostrou, já tem mais uma medalha de ouro, como heroi de Africa. Tu também assim poderás ser.

Na mesma encomenda vai uma gravata, para tu ofereceres ao teu bom professor de canto coral, que com tanta paciencia vos ensina; vai também um embrulhito para o Piriquito, que foi o nosso amavel cicrone. Para toda a gaiatada e para os vossos Professores auxiliares, vão os desejos de um feliz Natal e ano novo.

Esta carta foi lida e comentada em acto de comunidade e hoje publica-se, para que onze mil portugueses, a possam ler e comentar, também.

Vemos nela a riqueza do vinculo. Do matrimonio cristão, que faz de dois seres um só coração. Já tem mais uma medalha de ouro, como heroi de Africa. Antes de a ter recebido solenemente em seu peito, colocou-a elle, o Condecorado, no de sua Esposa, por um acto interno de decor conjugal.

Mas vemos mais. O Amor comunica-se.

A Esposa amada, a trasbordar, desce aos humildes, aos heróis ignorados e quer ler-lhes uma página gloriosa da vida de seu marido: *Tem a mais linda folha de serviços prestados à Pátria*. Nunca vi a pátria tão bem encastoadá como aqui! Não sei quem escreve. Não conheço. Gosto muito de não conhecer. Mas dirijo-me a quem escreveu. Quero responder a esta carta.

Acho-a tão elevada, pelo que diz. Elevada, ainda, por vir dizê-lo aqui, aos proscritos, ao rebotalho, à escória de ontem. Tão alta, que digo, não tenho outro remédio senão declarar-me um padre peccador, que pecca muitas vezes por palavras, pensamentos e obras, antes de a agradecer adequadamente e de proporcionar que outros, lendo-a, a agradeçam também.

O Natal na Casa de Paço de Sousa

Continuação da primeira página

dem. Omitiu-se a merenda. Arrumou-se o gado mais cêdo. Capoeiras, pocilgas, redis, estábulos, tudo se zelou a tempo e horas.

O sino do antigo mosteiro, deu Trindades. Nuvens fuscas escondem o céu. Chega a hora da ceia. A ceia do natal. Houve três cartas a pedir que deixasse ir a casa outros tantos rapazes; dois de Gaia e um do Porto. Só três cartas e eles são 140! Que famílias! Que miséria! Que mundo! Aonde teriam eles a ceia de natal se a não tivessem aqui! Houve 3 pedidos e eu recusei 3 pedidos.

A nossa obra é uma família. O natal é a festa da família. A ceia do natal é vinculo. Não foram.

Começa a entrada pelos mais pequeninos. Os pequeninos, em nossa casa, são os grandes. São os primeiros. Tomam todos os seus lugares. Refeiteiros e serventes de mesa, sentam-se à mesa. Não é uma ceia como as mais. E' a ceia do natal. De serventes todo o ano, são servidos neste dia. Celebra-se o nascimento de Quem veio para servir. A melhor prova de amor ao mestre, e fazer como ele ensina e faz.

Uma hora depois estava a ceia feita, mas não a companhia desfeita. Esta, estendeu-se até por que horas. Depois de se fazer seguir os mais pequeninos para o leito, começaram as teatrics num palco improvisado. Sim; os mais pequenos foram-se deitar. Quando da minha última corrida ós cinemas, de inverno, ficava muito magoado ao vêr creanças ao colo das mães, outras sentadas ao pé dos pais, aborrecidas, com saudades da sua caminha. Tantas delas! Não acho nada bem.

Mas como iam os dizendo, houve teatro com um programa soberbo. Cada número era o príncipal, diziam os romanos, dos cristãos.

A maior prova de que o Amor basta para realizar obras, está nesta nossa obra. Um arranha céus social, como vem a dizer na carta de um sacerdote. Apesar dos que ostensivamente não dão para ela e, até, por causas desses, ela é um gigante em marcha, a dizer que não é doutrina do seculo e que sim é do Evangelho.

E' a gorgêta. Trata-se da instituição gorgêta, que tanto prejudica a educação desta classe de juventude. Por amor disso, riscou-se aquêlê nome e deu-se o de *acréscimos* ao que vai a mais do preço do jornal. O rapaz que vende, sabe que não é para si. Encarrega a sua própria consciencia, se guarda o que vai acima, dos dez tostões. Não é dado para êle. E' para a Casa. E' para a Comunidade. Aqui, na Aldeia, temos a mesma doutrina. Ninguém pode aceitar para si seja o que for. O rapaz é avisado, em tribunal, do grave risco de guardar na algibeira as coisas ou dinheiros que são da casa. Salvo raras exceções, eles escutam e cumprem.

A nossa dificuldade, porém, surge com os que trabalham nas cidades, nomeadamente os rapazes do Lar do Porto. Sabemos que não é por mal, mas faz muito mal aquêlê que dá gorgeta, ou gratifica, como se diz, os nossos. Entrava-nos toda a acção de educar. Aquêlê *toma lá para ti*, é uma arma perigosa que se coloca na mão deles. Tanta loja aberta! Tantas coisas lá dentro! O rapaz senhor do seu dinheiro: *E' para ti!* Como pode ele resistir? Como podemos nós esperar que êle resista? Gostaria que todos vissem a classe de bugigangas que o João Francisco comprou, e fossem só bugigangas, com gorgetas que lhe deram!

Tamanho se me afigura o perigo, que me vi na dura necessidade de o fazer regressar a Paço de Sousa por um ano! A gorgêta é um apagador de generosidades. Toda a criação gosta naturalmente de ser útil; de servir. Quem é que deu a matéria da multiplicação dos pães? Uma criança. *Estava um rapaz (puer) com cinco pães de cevada*. Sim, gosta de servir, mas a gente apaga aquêlê nobreza com o triste *toma lá para ti*. Ora não é assim. Se o rapaz vai por conta do patrão, este pagou-lhe. Se faz um favor de sua conta, basta-lhe o contentamento de o ter feito. Em vez de apagar, devemos mas é cultivar nas juventudes a nobreza de servir. Ser útil. Ser irmão do irmão.

Aqui deixo um apêlo aos chefes eleitos das nossas casas. Que eles leiam e comentem este *cartão* aos seus companheiros, em tribunal. Por palavras suas, digam-lhes que devem recusar humildemente toda a gorgêta pessoal e aceitar humildemente toda a esmola que lhes seja confiada para a nossa casa. Nós somos pobres. A nossa obra é pobre, mas os rapazes não. Que é que lhes falta? Se têm tudo, porque é que aceitam?

pal, não pelo representado, mas sim pelo representante. *Este* era o número. E' o sol que dá brilho à gota de orvalho. E' o amor ao representante que dava a beleza ao representado. Outro número, também muito interessante, era o ensaiador e autor. O Joaquim. O nosso mestre de canto. Ele é cego!

A seguir ao dia 24, vem o dia 25. O dia de natal. Que lindo dia não fez êste ano! Treze horas na torre da igreja e tudo à meza. Um nadinha mais tarde do que o costume, por ser, também, dia de um nadinha mais de balbúrdia do que a costumada. Era galinha e arroz e caldo e bolinhos da véspera e pão e vinho. Cinco galos. Duas galinhas. Um Perú. Ainda ficou muita coisa de penas. Houve também bolo rei. Tamanho era êle, que deu 145 fatias! Houve, ainda, os emblemas dos diversos clubes de futebol de Portugal, e aqui é que foi. Tanto barulho, tanta desordem, tanto alvoroço, que eu peço aqui hoje ao senhor que nos oferece todos os anos o bôlo monstro, que continue a mandar o monstro, sim, mas os distintivos—não. Não e não. Mas não ficou por aqui o jantar da festa. Agora vem o vinho fino. Abriam-se seis garrafas e foi todo. Era *lágrima*. Tinha chegado de véspera uma caixa dêle. Eu gosto muito de dar coisas boas a quem nunca teve nada bom na vida. Não é a fazê-los. E' dar uma coisa de festa na Festa dos cristãos. E' consolador. De resto, a Casa Hendersen, não mandou a caixa de vinho para mim. Mandou para a Casa do Gaiato.

Mandou do melhor—*Lacrima*. Não pediu licença ós senhores que se escandalizam por eu instalar bem e tratar bem o Cisco das Montureiras. E' que os Directores da Casa Hendersen intendem que é melhor dar a mão e fazer nossos estes seres, do que deixa-los entregues a si mesmo toda a vida, para vergonha e desgraça de todos.

No fim, houve futebol. Um desafio entre Cete e os nossos, aonde eles, os nossos, foram derrotados em toda a linha. Aqui deixo dito. Tenho eu de dizer, porquanto, sempre que há derrotas cá em casa, não há cronista...! E é pena. Não devia ser assim. Ora eis de como foi a nossa festa do Natal. No próximo ano se cá estivermos todos, veremos como vai ser.

Isto é a Casa do Gaiato

DESTA vez não temos *stori-nhas*. É só uma história. Todo o espaço que é costume reservár-se no quinzenal para os casos da Casa, hoje, é inteiramente devotado ao relatório da mesma, que é, também, um caso muito importante. Sim. O relatório. O nosso relatório que diz respeito ao ano de 1946. Começamos pelo Lar do Porto. Está na cidade. Dá mais vistas. É complemento directo e necessário da obra. Começamos por ele. Para sermos ortodoxos, deveríamos entrar desde já nos algarismos. Receita. Despesa. Saldo. Na verdade, são estes os elementos considerados de suma importância, ao tratar-se de um trabalho desta natureza. Um relatório. Mas eu antes quero pôr em primeiro lugar as almas. O aproveitamento moral e espiritual das almas que o Senhor me confiou. Estas são as contas que eu hei-de prestar no tribunal da derradeira hora, ao Juiz Justo. Se naquêl tribunal, também aqui, aos nossos interessados leitores.

A comunidade do Lar do Porto é composta de um orientador, que vai ali todos os dias ouvir e saber, mas não fica. De um professor, que garante o exame de 4.ª classe a algum que vá de Paço de Sousa sem ele. De uma *senhora*. De uma costureira. Conforme o nosso sistema, para os serviços domésticos, temos os nossos rapazes, a saber: O Mondim na cozinha. Osvaldo, Rui, Torcato, Jorge e Rodrigo, são os da portaria, dos quartos, das limpezas, dos recados, — e dos sarilhos também. A seguir, veem os que trabalham em várias activi-

dades, na cidade: Julio, Amadeu, Amandio, Teles, Prata, Licínio Domingos, Marques, Bernardino, Adriano, Manuel, João, Zé Eduardo, Avelino, Carlos, Fernando, Oscar e Zé Sá. Eis aqui a população do Lar, tal qual a viu o derradeiro dia de Dezembro, mais o primeiro de Janeiro deste ano de 1947.

Prata, Teles, Julio, Amadeu, Avelino, Zé Eduardo frequentam a escola comercial, de noite.

A gente aflige-se e tem medo da comunidade do Lar do Porto. Lá é a rua. A rua que foi deles e aqui é que está justamente todo o nosso receio: não venham eles a ser dela outra vez! Senhor do Céu, guarda-os! São vossos! Até à data, não tem havido nenhum regresso, mas nem por isso estamos tranquilos e, até, esperamos a toda a hora que isso aconteça.

O Avelino, teve de ser retirado do seu magnífico emprêgo por duas semanas, para sofrer um castigo, na Casa de Paço de Sousa.

O José Francisco, também colocado na rua dos Clérigos e a frequentar a escola nocturna, houve de ser tratado com muita severidade. Regressou a Paço de Sousa e tarde, muito tarde, lhe será permitido o piso da rua. E' muito doloroso cortar desta sorte, o fio da carreira destes rapazes, mas não é tanto por um que fica para trás; é, sim, por amor dos que vão à frente. Que eles vejam. Que eles compreendam. Que ponham em movimento e façam render os seus dons. E' por isto que nós, às vezes, fazemos sangue e... sangramos! Deixo aqui ficar uma palavra

de gratidão aos Senhores que teem ao seu serviço rapazes do Lar. Não sei a quem mais agradecer, tantos são os títulos que de todos tenho, para o fazer.

DO Lar do Porto, passemos à Casa de Paço de Sousa. Ela é a fonte de onde nascem os rapazes do Lar.

O numero de rapazes inscritos no nosso livro no dia 31 de Dezembro, sobe a cento e noventa e dois e os que no mesmo dia se encontravam à meza ocupados, mesmo muito ocupados, contavam-se por cento e trinta e cinco deles. Dentro de poucos meses conta-se com mais um edificio na aldeia, capaz de receber uns 50 vadiosinhos, e afigura-se-nos prudente não ir por diante. Muita gente junta não se salva.

A comunidade docente é assim constituída: Temos um assistente espiritual que não sou eu. Eu nem sempre estou, e o assistente precisa de estar. Temos dois professores para as escolas do dia e da noite. Professores-educadores. Um deles vive até na comunidade. Outro, é externo. Nós temos escola da noite para os que de dia não podem comparecer, devido aos seus trabalhos. Isto de congrassar horas de trabalhos com as da escola, é uma dificuldade que só se experimenta nas casas desta natureza, aonde os serviços são feitos todos e sómente pelos próprios rapazes. Ora como isto só se dá, cuido eu, na Casa do Gaiato, é também só nela que aparece esta *desordem*. Nenhum pode faltar à escola. Nós fazemos muito caso e pomos todo o empenho em que os nossos façam, pelo

menos, a 4.ª classe. Seria, a nossos olhos, uma verdadeira desgraça, que um saísse de cá sem esse mínimo de conhecimentos.

Temos um professor de canto coral. E' o senhor Joaquim, tantas vezes aqui falado, por ser cego e ver tudo! O canto é uma necessidade. O rapaz que canta,—reza. Vale a pena vir de longe assistir à nossa oração da noite, cantada. Muitos que assim teem feito, choram de comovidos. Não é tanto por aquilo que eles cantam agora, como pelo que dantes cantavam! Houve sempre mais alegria pela presença de um que andava perdido, do que por todos que sempre estiveram em casa. Temos a *senhora*. A terrível *senhora* da cozinha e do refeitório e das capoeiras, que começa a dar leis de manhãsinha e acaba por que horas. Temos outra *senhora*, a vigilante das limpezas nas seis casas de família, aonde os rapazes dormem. Temos mais outra *senhora*, a da rouparia. A que é fritada todos os sabados por dezenas de rapazes a pedirem roupas: *dê-me antes aquela camisa*. A qual, também, se deixa fritar por suas próprias mãos, tomando à sua conta a vigilância da camarata dos mais pequentos; levando o seu zêlo a levantar duas e mais vezes durante a noite, para que nada lhes falte! E isto tudo de graça sem ser rogada, nem louvada! Temos um enfermeiro, que fica e atende a horas certas. Esta classe de rapazes, necessita extremamente de assistência médica e de enfermagem. Temos um médico assistente, que nos visita três vezes por semana. Gostaríamos que ele

residisse. Que fizesse parte do corpo docente. Desejariamos fazer mais e melhor, que tudo merece a obra. Mas, por enquanto, estão as coisas assim.

Dito dos docentes, vamos dizer duas palavrinhas dos discentes. Em primeiro lugar, dos fugitivos. Dos que fogem pelas portas abertas, que é esta a posição de todas as portas em nossa casa. Além de casos de pequeninos que vão até à gente dos lugares mais próximos e de novo voltam, tivemos, durante o ano, quatro casos de vãos largos. Fugas verdadeiras de rapazes que não regressaram.

O ano passado foi pior. Muito pior. Fugiram 21 deles e 7 nunca mais voltaram. Esta notícia é consoladora. Mais. Nota-se que os rapazes começam a compreender a desgraça dos que fogem e o bem dos que estão.

Não assim, a de dois rapazes que tiveram de ser retirados da aldeia. Foram eles o Zé Maria de Sinfães e o Celso de Vizeu. Estes dois casos foram aqui muito falados, naquele tempo, para que de novo se repitam. Mas é necessário. Senti-me na necessidade de lhes dar publicidade tal qual, e hoje, quero que eles sejam o ponto final do nosso relatório. E' necessário dizer a verdade completa, mesmo daquelas coisas que muito gostaríamos se não tivessem dado. Fica o mundo a saber, por esta forma, que nós aqui empregamos todos os esforços para salvar os rapazes, mas nem todos aproveitam. Temos ainda o relatório da Casa de Miranda, que há-de vir a lume, aqui, quando o Padre Adriano o tiver feito. Ele é que é o pontífice de lá.

Mais um vale de 100\$00 do mercado do Anjo. Mais 50\$00 por carta. Mais 20\$00 idem.

Mais uma data de latas vazias para fazer copos. Nem estes copos vingam todos! De um cento deles, de vidro muito forte, que em tempos nos mandaram de Oliveira de Azemeis, já não há vestígios! Uns que vieram da mesma casa e pelo mesmo preço, mais finos, para servir no almoço da festa da inauguração, esses, viram a festa e imediatamente se guardaram a sete chaves, pelo que, estão. Uma data de loiça com as armas da Marinha, rejeitada, tem feito muito boa figura, sim, mas tem dado muitos cacos, pelo que se encontra diminuída. O Pirulas fez ontem um cesto deles, de três travessas que deixou cair na cozinha!

Et coetera. Veio ontem aqui um carro misterioso. Parece que era um Austin, no dizer dos mais entendidos. Não cheguei a apurar a nacionalidade das visitas, pelo desencontro das informações. Eu não estava. O cicerone, limitou-se a dizer que *não falavam como nós*. Eram duas senhoras e dois meninos. Falou-se em que eram espanholas, outros que francezas, outros que inglesas. O que eu sei é que os visitantes deixaram ficar 23 magníficos pulovers com todos os sinais de *hand made e home made pieces*. Isto é que importa e isto é que a gente agradece.

Mais mil escudos da Câmara Municipal de Caminha. Mais cinco contos de um Desconhecido de Lisboa, por intermédio de um conhecido de Ancião. Mais 500\$00 outra vez de Lisboa. Mais três contos idem. Mais dois contos do Porto, deixados no Depósito. Mais um dito, por vale do correio. Mais 150\$00 de Lisboa. Mais da Covilhã um fardo com dez mantas. Que riqueza! Mais 2 peças de flanela. Mais 2 peças de pano crú. Mais uma dúzia de garrafas de vinho fino. Mais 20\$00 da Régua. Mais roupas do Ribatejo. Mais tamanhos e chancas e roupas de Rio Tinto. Mais doze pulovers no Espelho. Mais 215\$00 de Tomar, subscrição feita entre os oficiais do regimento de onde veio o Magala. Mais de Lisboa uma encomenda de 300 sabonetes. O' disputas! Mais de Lourenço Marques aviso dum cheque que vem a caminho. Que faça boa viagem e depressa.

Mais de Nevvark uma subscrição entre 17 portugueses, com 33 dolares, os quais renderam 750\$00. Mais envelopes com dinheiro lá dentro, em o Depósito. Mais idem camisolas. Mais roupas de Lisboa. Mais 70\$00 de Quelimane. Mais um pacote de roupas a recomendar que não há perigo de contágios. Ora assim é que é! Mais do grupo dos Importadores de Carvão uma tonelada dêle para a nossa forja. Na cantiga do Pinga, há um verso que começa assim: *Ai meu Porto!* Eu sei, porque oiço muitas vezes o *Batata Nova* a cantar

Do que nós necessitamos

O Pinga. Eu tinha-me dirigido à Comissão Reguladora, por carvão. Por uma tonelada de carvão. Pois tanto bastou. Os Importadores souberam da necessidade e... *mande buscar. Ai meu Porto!* Um sobretudo novo, que um visitante quis mandar a um dos nossos cicerones. Mais 20\$00. Mais um pacote de mil e uma coisas deixadas no *Espelho*. Sim senhor. Recebeu-se a garrafinha de ponche e tudo o mais. Tudo quanto nós mandam, chega ao destino. Nunca nada se perdeu, apesar das direcções mais disparatadas e, até, sem direcção. E' a estrêla!

Mais com sua licença um porco. Veio dos Quintos. De muito longe. Dos Quintos. Foi o Poeta por ele à estação. Mais de Lamego roupas e brinquedos. Mais do Bombarral roupas. Mais do Porto 100\$00. Mais 20\$00 de Vila Real. Mais 93\$30, multa de 20 centavos de professora e alunas, em uma aula de inglês, por cada palavra em português ditas pelos ditos. Mais 300\$00 de Lisboa. Mais 150\$00 de um oficial de Marinha que todos os anos, há muitos anos, por este tempo, vem dizer à gente que está vivo. Mais uma pancadaria de agasalhos de malha e uma peça de cotim. Nestes dias de frio que tem feito, é de uma pessoa se ver e desejar. Eles são tantos, tão pequeninos, tão chorosos. Aonde a roupa que chegue? Vale-nos uma grande fogueira, na *cozinha velha*, com os *Batatas* e os *Buchas* e os *Formigas* e as *Linhas* e os *Grirafitas* e outros que tais, a esfregar as mãos de contentes. Roupas, sim. Roupas usadas tem sido o nosso forte. Há peças formosas, pelo carinho. São vozes de apaixonados. Mais do Porto uma caixa de vinho do dito, despachada para Cête. Mais dois contos de Matozinhos. Mais de Lisboa um pulover, que eu retirei para meu uso pessoal, com perdão de quem no deu. Andava mesma no fio, quanto a artefactos desta natureza. Os senhores Visitantes têm dado muito boa conta de si. Teem sido bastantes. A camisola amarela, por enquanto, vai às costas de uma família de Rio Tinto. Mais do Porto 100\$00 do Sindicato dos Empregados do Comércio. Mais 300\$00 outra vez do Porto. Mais 20\$00 da mesma sorte. Mais dois contos e quinhentos da Covilhã. Mais dois contos do Porto. Mais do Porto mil escudos, a *minha oferta do costume*. Mais de uma Ourivesaria do Porto a comunicação de que um grupo de senhores, naquele estabelecimento, deixou ficar 600\$00. Mais entregue no Lar do Porto um envelope com 500\$00. Mais, no *Espelho*, um mundo de pacotes e de coisas; tantas e tais que seria necessário

ocupar todo o espaço do jornal, para publicar metade do que se recebeu ali! *A Camisolândia!* *A Camisolândia!* Se os nossos dois que lá trabalham caíssem na desgraça de infidelidade à Casa, eu retirava-os imediatamente e para sempre, da cidade — tais as roupas preciosas que nos ofereceram! O *avósinha*, também trouxe 12 pulovers para os rapazes, do seu patrão. Ficaram 4 no Lar do Porto e vieram os restantes para Paço de Sousa. Mais do Porto, por vale, 500\$00. Mais do Porto 20\$00 por conta. Mais 100\$00. Mais um rádio. De Casal-dêlo, recebi, sim senhor.

Antes de fechar com o costumado *mais nada*, quero dizer aqui tudo aos Fabricantes e Mercadores da cidade do Porto, que se quiseram lembrar de nós nas festas cristãs do Nascimento de Jesus. Neste *tudo*, vai a minha imensa alegria por saber que, assim como à Casa do Gaiato, também repartiram com outras casas semelhantes, do que é seu, os Fabricantes e Mercadores da cidade do Porto. Viva o Porto!

Ó correr da pena

Viu-se aqui um grupo de senhores, os quais passaram em frente da nossa aldeia, fóra dos muros, longe dela. Pararam. Eram doutores e engenheiros.

—Então aquilo é que é a Obra do Gaiato?
—E' sim.
—Aquilo?
—Sim.

—E' a tal coisa. Os leprosos, a viver em palácios. Habitua-nos a esta vida, com o nosso dinheiro, e mais tarde temos nós de os aturar.

Não quero mal aos senhores que assim pensam. Não posso querer mal a ninguém. Mas deploro que haja homens que se dizem doutores e não conhecem o momento da vida.

Que fazem eles a favor dos leprosos? Quem são estes leprosos e quem são aqueles senhores doutores e engenheiros?

Não querem pagar o que devem aos miseráveis, nem levam a bem que outros procurem resgatá-los. Por isso mesmo, mais do que simplesmente aturar, serão esmagados pelos leprosos! Aonde a multidão? Aonde as maiorias? Nos leprosos. Se as maiorias não estão contentes; se desesperam, que bem pode ir no seio das minorias. Que é da paz social?